

Corporações e Maçonaria

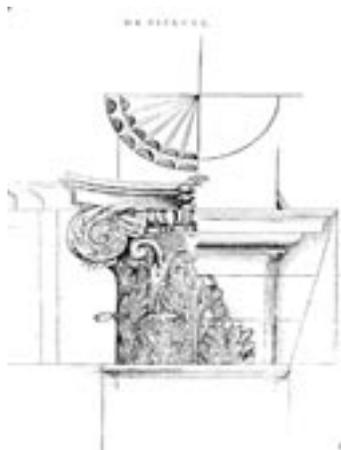
Fundamentados em uma quantidade respeitável de indícios, os autores modernos, que fazem da pesquisa histórica sua referência, têm identificado a origem da maçonaria entrelaçada com as raízes das corporações de construtores surgidas no período medieval, distante das fábulas e quimeras que costumam projetar essa origem sobre um passado remoto. Alguns deles admitem a contribuição trazida do Oriente pelos participantes das cruzadas. Inseridos naqueles monumentais agrupamentos de pessoas envolvidos na aventura de livrar a Terra Santa dos “infieis”, e enriquecer com a pilhagem de suas riquezas, havia um corpo de carpinteiros, pedreiros e canteiros acompanhando os cruzados sendo encarregados da restauração das edificações destruídas nas batalhas, da construção de pontes e fortificações.

Aula 2

Objetivos:

- Identificar as corporações operativas como origem da Maçonaria;
- Configurar a maçonaria atual como mutação da Operativa, ocorrida inicialmente na Inglaterra.

“Eles introduziram na França uma geometria usada no corte de pedra (*le trait*), a estereotomia, que fundamenta a técnica de construção das igrejas góticas”.¹



Estas corporações, guildas ou grêmios, em cada uma de suas especificações, congregavam operários artesãos e comerciantes em organizações que tinham como objetivos principais a proteção mútua, a manutenção de direitos adquiridos e o estabelecimento da qualidade dos serviços ou produtos comercializados. Elas regulavam também a formação profissional e prestavam assistência social a seus membros.

Esses construtores foram a origem da *Compagnonnage* ou *Compagnonnique*, a sociedade dos companheiros (*compagnons*) possuidora de ritos especiais de iniciação, acompanhados de preocupação quanto ao comportamento dos seus membros, e que se multiplicou em todas as nações européias por todo o período medieval, sobrevivendo em alguns deles até a Idade Moderna.

Segundo **Ruy Gama**, *As primeiras associações conhecidas deste tipo apareceram nas cidades alemãs e britânicas no século XII e finais do século anterior sob a forma de guildas religiosas e sociais de artesãos e comerciantes, agrupando tecelões, pescadores, curtidores etc. Neste mesmo tempo apareceram também na França e Espanha.*

Entre os autores defensores da opinião comentada acima está **Joules Boucher**, que nos diz:

*As corporações obreiras (em francês *compagnonnage*) e a maçonaria parecem saídas de um mesmo tronco e, à medida que a maçonaria se desenvolvia, as corporações obreiras diminuía.*

O exercício das profissões no âmbito das cidades medievais veio a ser controlado pelas corporações, só sendo permitido a atuação de elementos a elas subordinados.

GAMA, Ruy. **A Tecnologia e o Trabalho na História**. Nobel/Edusp, 1986. p. 84.

BOUCHER, Joules. **A Simbólica Maçônica**, Pensamento. São Paulo, 1979.



Um exemplo disto é o fato ocorrido em Milão ao arquiteto Brunelleschi, em 1434: No momento em que o famoso domo estava para ser concluído, ele foi preso a pedido da corporação de pedreiros à qual tinha, por negligência, deixado de se filiar.”

PALOU, Jean. A franco maçonaria simbólica e iniciática, Pensamento, 1964. p. 26)

Em meados do século XIV, no desenvolvimento de sua organização, as corporações adquiriram, na maioria das cidades, o direito de constituir suas próprias autoridades, tendo a partir de então reconhecimento oficial, refletindo assim sua influência no meio social urbano.

Um aspecto interessante das atividades desenvolvidas no âmbito das **corporações**, era constituído por uma atividade que reunia aspectos **inusitados, mistos de cultura e religiosidade**.



Cabia às corporações a representação dramatizada de eventos bíblicos, chamados mistérios cristãos. W.H.G. Harmitage, citado por Ruy Gama, considera essas encenações como remanescentes dos collegia romanos, ou das festividades de origem germânica, cabendo a cada guilda a representação de um evento particular. Assim, em York, os armeiros tinham a responsabilidade pela representação da expulsão de Adão e Eva do paraíso e os construtores de barcos, juntamente com os pescadores, encenavam o episódio da construção da arca de Noé e o dilúvio.

GAMA, Ruy. op. cit. pp.101-103

A hierarquia existente nas corporações iniciava-se com o aprendiz, geralmente um jovem com idade entre 12 e 15 anos. O aprendiz residia com seu mestre e existia uma **taxa** a ser paga pelos pais do aprendiz como remuneração do mestre. Após o transcurso de alguns anos, sendo aprovados pelos seus mestres, os aprendizes ascendiam ao nível seguinte, **dos oficiais (companheiros)**.

Corporações: além daquelas inerentes aos seus objetivos já citados

Taxa: O valor desta contribuição era estabelecido pela corporação, a qual também determinava o período do aprendizado

Neste nível o trabalho do **companheiro** já era executado mediante contrato formal e juramentos prescritos pelas normas particulares de cada corporação.

No posto mais elevado na hierarquia das corporações, destacavam-se os mestres. Submetendo-se a exame pelos membros da corporação, o candidato a mestre apresentava uma obra de sua execução. Uma vez aprovado, o **novo mestre** estaria capacitado então para constituir sua própria oficina e, por sua vez, iniciar seus aprendizes. As corporações determinavam o número máximo de mestres que poderiam atuar no interior de uma cidade, na proporção do número de habitantes desta, para que não ocorresse excesso na oferta de trabalho ou produtos.

Essa organização especial na forma de transmitir conhecimentos técnicos dentro dos vários ofícios foi uma característica medieval, não existindo quaisquer indícios de prática similar no mundo greco-romano que o antecedeu.

No que se refere às suas práticas iniciáticas, havia o costume de se manterem em **segredo** os deveres de todas as corporações, sendo as instruções transmitidas oralmente, mesmo aquelas referentes a conhecimentos específicos de geometria.



A prática continuada de cortes na pedra de ângulos e planos, registrada na mente do construtor, pode ter sido a origem da geometria descritiva.

O que no passado era **segredo de profissão**, foi aos poucos surgindo nos tratados de geometria e estereotomia editados principalmente a partir do século xv com Gerard Desargues, Mathurim Jousse e outros.

As corporações na Europa

Jean Palou² sugere também uma origem comum para a maçonaria e as corporações medievais.

Parece todavia, para falar só no Ocidente, que a maçonaria e o companheirismo não passaram no início de uma única e mesma organização, tronco comum tradicional, do qual deveriam sair os dois ramos numa época pouco precisa, muito provavelmente durante a Renascença.
(PALOU, Jean, **A franco maconaria, simbólica e iniciática**. Pensamento, 1964. p. 10.)

Ao **mestre** pertenciam a oficina, os instrumentos e os materiais que seriam utilizados por sua equipe de aprendizes e companheiros

Segredo de profissão: cuja revelação era cercada de ameaças de punição explicitadas durante os juramentos iniciáticos.

Segredo: Como uma alternativa auxiliar ao processo de memorização, utilizavam-se canções, em cujas letras, veladamente, eram registradas demonstrações de teoremas geométricos.

E Marius Lepage³ complementa:

*Os historiadores Ingleses observaram a notável semelhança dos catecismos ingleses primitivos com os rituais de iniciação dos companheiros. Historicamente não há a menor dúvida de que na maçonaria, como em muitas outras coisas, podemos observar uma dupla corrente: do continente para a Inglaterra (na Idade Média), depois da Inglaterra para o continente, no fim do século XVII. A velha maçonaria das old charges é filha legítima das organizações companheiras continentais, principalmente alemãs e francesas. (LEPAGE, Mahos. **História e doutrina da Maçonaria**. Pensamento, 1978. pp. 26, 27.)*

Além do esforço para conseguir autonomia, ampliando seus direitos, as corporações procuravam também ter voz ativa na administração das cidades, o que, em alguns locais, gerou forte oposição por parte dos dirigentes municipais, provocando a proibição de sua atuação. Em 14 de março de 1655, em Paris, a Sorbonne publicava uma condenação às

reuniões de companheiros, e nos comentários anexos ao decreto condenatório podemos ler:

Nós, abaixo assinados, Doutores da sagrada faculdade de Teologia de Paris, achamos:

1º) Que nessas práticas há pecado de sacrilégio, de impureza e de blasfêmia contra os mistérios de nossa religião.

2º) Que o juramento que fazem de não revelar essas práticas, mesmo na confissão, não é justo nem legítimo, e não os obriga de modo algum; pelo contrário, que eles são obrigados a acusar a si próprios desses pecados, e desse juramento no confissão.(...)

*Sumário das práticas ímpias, sacrílegas e supersticiosas que são executadas pelos companheiros seleiros, sapateiros, canteiros, cuteleiros e chapelheiros, quando recebem os chamados companheiros do dever. (BOUCHER, Jules. **A simbólica maçônica**, Pensamento, São Paulo, 1979, p.230.)*

A seguir, após um comentário desairoso sobre o comportamento social dos companheiros, continua:

...Eles têm entre si uma jurisdição; elegem oficiais, um preboste, um lugar-tenente, um escrivão e um sargento; correspondem-se pelas cidades e têm uma senha pela qual se reconhecem e que é mantida em segredo, e formam por toda parte uma linha ofensiva contra os aprendizes de seu ofício que não sejam de sua facção, espancam-nos, maltratam-nos e solicitam para que entrem em sua companhia. As impiedades e sacrilégios que cometem são diferentes, de acordo com os diferentes ofícios. Todavia, tudo o que se segue lhes é comum: primeiro, fazer com que o que vai ser recebido jure sobre os santos evangelhos que ele não revelará nem a pai, nem a mãe, mulher ou filho, sacerdote ou clérigo, nem sequer na confissão o que irá fazer e ver fazer; e para tanto escolhem uma taberna, que eles chamam de mãe, porque é lá que costumam se reunir como na casa de sua mãe comum, na qual escolhem duas salas cômodas, que se comuni-

quem, uma das quais serve para as abominações e outra para o festim.” “Esse pretenso Dever consiste em três palavras: honrar a Deus, Conservar a fortuna do Mestre e manter os companheiros. Mas, ao contrário, esses companheiros desonram grandemente a Deus, profanam todos os mistérios de nossa religião, arruinam os mestres (...) e se arruinam a si próprios pelo tributo que eles cobram para ser usado em bebidas. (...)

Segundo o mesmo autor, dentre os vários Deveres em que se agrupavam os companheiros, o que mais provavelmente estaria ligado às origens da maçonaria seria o **Dever de Liberdade**, reunindo os canteiros, que nas lojas trabalhavam a pedra mole, **a pedra de cantaria**, trazida das pedreiras pelos pedreiros rudes, os *rough stone masons*, e tinha entre suas fábulas iniciáticas uma que fala da morte de um personagem chamado Mestre Jacques, Hiram, ou Adonhiram, numa história de crime e castigo, onde se fazem referências à construção do templo de Salomão com suas duas colunas Jakin e Boaz, conforme narra o texto bíblico.

A pedra de cantaria: *free stone* de onde se originou o termo *free stone mason*, mais tarde simplificado para *free mason*

As condenações das práticas corporativas não se restringiam à França. Na Alemanha, Suíça, Inglaterra, Holanda, em repetidas ocasiões, proibiam-se as reuniões dos operários, bem como, suas cerimônias e festividades de iniciação.

Os outros ofícios também fundamentavam suas cerimônias de recepção de novos membros em adaptações de rituais católicos e textos bíblicos conhecidos, aos quais referiam os objetos simbólicos presentes na sala.

O que se pode observar nesses e em outros documentos, é a presença constante do cristianismo católico nas práticas iniciáticas operativas, sendo essa a razão de sua condenação, pois em assim fazendo estavam, segundo os Doutores da Sorbonne, escarnecendo das cerimônias que lhes serviram de inspiração. Completamente ausentes estão as referências aos mistérios gregos e romanos, tão queridos de certos autores, mas desconhecidos dos incultos maçons operativos, que analfabetos, nada sabiam da cultura e costumes de civilizações antigas.

A imagem de circunspectos pedreiros, conscientes de significado esotérico de suas funções e símbolos no período operativo constitui completa ficção. Os rudes pedreiros construtores de catedrais, abadias e castelos, não eram mais “dotados de conhecimentos esotéricos” do que o comum “peão” de obras de nossos dias, como deixam transparecer todos os documentos ora conhecidos sobre aquela época.

Um bom exemplo desse tipo de documento são os “Estatutos dos Canteiros de Ratisbonne:

Klakenfurt, 4 de maio de 1628.

Em nome de Deus o Pai, do Filho, do Espírito Santo e de Santa Maria, mãe de Deus, de seus bem-aventurados santos servidores, os quatro santos coroados de memória eterna, consideramos que para conservar a amizade, a união, a obediência, fundamento de todo o bem, de toda utilidade e benefício de todos os príncipes, condes, senhores, localidades e congressos maçônicos atuais e futuros, igrejas, casas de pedra

ou construção, devemos formar uma fraterna comunidade. Isso pelo bem e utilidade de todos os mestres e companheiros do corpo do ofício dos trabalhadores de pedra e dos pedreiros em terra alemã, principalmente para evitar toda discussão, fracasso, inquietação, despesa e danos provenientes de desordens e transgressões à boa regra. Obrigamo-nos a cumprir todos os regulamentos pacífica e amigavelmente. Para que nosso empreendimento cristão se mostre de valia em todos os tempos, nós, mestres e companheiros do referido ofício, originários de Spire, Estrasburgo e Ratisbonne, em nosso nome e em nome de todos os outros mestres e companheiros do ofício acima mencionado, renovamos e esclarecemos as velhas tradições e nos constituímos num espírito fraternal em um agrupamento e nos obrigamos a observar fielmente os regulamentos definidos e isso para nós mesmos e para nossos sucessores.

1º Aquele que deseja fazer parte de nossa organização fraterna deve prometer observar todos os pontos e artigos mencionados nesse livro.

2º Se um trabalhador que empreendeu uma obra honestamente concebida vem a morrer, é necessário que um mestre, não importa qual, perito na matéria dê continuidade à obra, levando-a a bom termo.

3º Caso se apresente um companheiro competente na matéria que deseja promoção após haver servido naquele ramo, pode-se aceitá-lo.
(RIFFARD, Pierre. A. **O Esoterismo**. São Paulo, Mandarim, 1996.)

E segue-se uma lista alcançando 19 artigos regulamentando relações de trabalho, salários, atribuição de responsabilidades, sem qualquer alusão a doutrinas esotéricas ou vínculos místicos, além das referências introdutórias, que não sabemos se sinceras ou meramente formais. Assim também as antigas instruções britânicas, as “*Old Charges*”, deveres dos antigos maçons, reuniam regras de bom comportamento, definiam as relações do aprendiz com seu mestre e familiares, indicando até regras de etiqueta à mesa.

Nicola Aslan nos informa que em 1495, na Inglaterra, o rei Henrique VII:

Proíbe aos operários e artífices que se comunicassem por meio de sinais e toques distintivos, confirmando leis decretadas por Henrique VI. Assim, desde os fins do século XV até o reinado de Elizabete I, foram decretadas leis que restringiam os direitos de reunião dos operários, privando-os inclusive dos privilégios do monopólio de suas respectivas profissões, bases em que se assentava a organização do trabalho durante a Idade Média. Tais proibições eram periodicamente renovadas.



Apesar de todas as condenações e proibições, as corporações sobreviveram, mas foram perdendo gradativamente seu prestígio à medida que sua exclusividade, no exercício das profissões, foi sendo suprimida e o estabelecimento de empresas individuais desvinculadas das organizações antigas foi recebendo incentivo. Com a evolução das relações de trabalho na sociedade burguesa, a estrutura das corporações de ofício começou a ser vista como entrave, e, sucessivamente, os países da Europa proibem a sua existência, oficialmente, por ato de lei, a partir do século XVIII; Itália e Suíça na segunda metade do século, na França em 1791, na Noruega, Alemanha, Áustria, Hungria e Espanha elas alcançam o século XIX, e na Rússia encontramos sua mais longa sobrevivência: até a revolução de 1917.

De maçonaria Operativa para Especulativa

É na Inglaterra que vamos encontrar a guilda dos pedreiros, a *Free masonry* assumindo características próprias, distintas das outras

ASLAN, Nicola. **História da Maçonaria** - Período Operativo. Aurora.

corporações, e em sua evolução virá a transformar-se no início de 1717, na forma atual de maçonaria.

Os documentos mais antigos da velha maçonaria inglesa são as chamadas **old charges**, as velhas instruções, que em geral enfatizam prescrições comportamentais para os obreiros. Uma dessas *old charges* está registrada no chamado manuscrito **Cooke**, cujas datações sugerem o ano de **1410** para sua origem, mas que reúne trechos que parecem ter sido copiados de outros documentos ainda mais antigos⁴.

Seu conteúdo faz referência à construção do templo de Salomão:

“Na feitura do templo de Salomão, que o rei Davi encetou... Salomão tinha 80 mil maçons trabalhando para ele;... Salomão confirmou as instruções que Davi, seu pai, dera aos maçons. E o próprio Salomão ensinou-lhes suas maneiras (isto é, costumes e práticas) que pouco diferem das maneiras ora em uso.”

Outro documento, mais antigo, não faz qualquer referência ao famoso templo:

Esse documento, o **Poema Régius** ou **Poema de Halliwel**, datado de 1390, sendo o documento maçônico mais antigo de que se tem notícia, remete a origem da instituição maçônica à construção da torre de Babel. Nele consta que o primeiro Grão Mestre teria sido Ninrod, o rei construtor da torre e ele teria dado aos pedreiros as primeiras instruções e a regulamentação da confraria.

Este mesmo tema é retomado em **manuscritos** mais recentes, como o **Thistle** de 1756.

Mackey, citado por Alex Horne nos ensina:

Esta forma primitiva da lenda prevaleceu até talvez todo o correr do século XVII... mas por volta do fim do último século (isto é, o 18º), ou talvez ainda mais tarde, no princípio do atual (o 19º), a narrativa da origem da Franco-maçonaria passou a ser repudiada e substituída por outra em contradição com os velhos manuscritos. Agora ninguém mais acredita que a maçonaria

*se originou da Torre de Babel; o templo de Jerusalém passou a ser considerado o local do seu nascimento; e a Salomão, não mais a Ninrod, se conferiu a denominação de primeiro Grão-Mestre. (HORNE, Alex. **O Templo de Salomão na Tradição Maçônica**. Pensamento, 1982).*

A razão dessa transferência, como sugere Alex Horne, pode estar ligada ao desejo dos maçons especulativos de desvincularem a instituição de um edifício erigido contra a vontade de Deus, e que redundou num castigo (a dispersão e a confusão dos idiomas), e fazê-la remontar à construção de um edifício inspirado pelo próprio Deus, para o seu culto.

Atualmente os maçons chamam de templo ao local onde se realizam suas reuniões, e loja à assembléia de maçons que nele se reúne. No passado operativo, entretanto, a loja onde os maçons se reuniam era simplesmente um barracão, ou casa onde os operários se reuniam para planejar o trabalho, os canteiros preparavam as pedras chegadas das pedreiras para serem usadas na construção.

G. Delavalle assim descreve a loja de Oviato (Itália):

*Era uma casa perto da Catedral, onde os arquitetos, pintores, escultores se reuniam para apresentar grande número de seus desenhos e modelos, para executá-los depois de terem sido aprovados pelo tesoureiro e pelos ordenadores dos trabalhos. (PALOU, Jean. **A Franco Maçonaria Simbólica e Iniciática**, Pensamento, 1964. pp. 101-103.)*

Nada se sabe hoje em dia do ritual de abertura dos trabalhos de uma loja operativa, devido à inexistência de documentos. Devemos lembrar que a passagem da tradição de boca para ouvido devia-se, além da imposição de segredo já comentada, ao fato de que poucos sabiam ler e escrever. O excesso de zelo dos maçons impunha também que as instruções escritas para serem lidas durante uma iniciação fossem queimadas imediatamente após o uso.

George Payne, Grão-Mestre entre 1718/21 reclamava que

Vários manuscritos valiosos foram muito apressadamente queimados por irmãos escrupulosos, para que não caíssem em mãos estranhas. (BATHAN, C. N. *Maçonaria Antiga na Inglaterra*. CMSB, 1995)

Jean Palou nos acrescenta informações a respeito da cerimônia de iniciação de aprendizes:

A revista *The Speculative Mason* apresenta o texto de uma oração aprovada pela assembléia geral dos maçons de Wakefield, no dia 30 de novembro de 1663 e traduzida por J. Reyor: ‘Santíssimo e Glorioso El Shaddai, Grande Arquiteto do céu e da terra, doador de todos os dons e todas as graças, que prometeste que quando dois ou três estivessem reunidos em Teu Nome, estarias no meio deles: em Teu nome, nos reunimos, suplicamos muito humildemente que nos abençoes em todas as nossas empresas, que nos concedas Teu Espírito Santo, para iluminar nossos espíritos com a sabedoria e a inteligência de nosso Venerável e Digno Ofício, a fim de que possamos conhecer-Te e Te servir como convém e que todas as nossas ações possam contribuir para a tua glória e salvação de nossas almas’. Jean Reyor acrescenta que esta oração existe também num ritual de abertura dos trabalhos

no grau de Aprendiz. A loja é então aberta no nome do rei Salomão. (Palou, Jean. *A Franco Maçonaria Simbólica e Iniciática*, Pensamento, 1964.p.21.)

Durante a iniciação, o neófito deveria prestar juramento após ouvir as instruções, prometendo guardar segredo sobre uma “palavra do maçom”, além dos toques e sinais de reconhecimento. O juramento era prestado com a mão direita sobre um volume da Bíblia.

Benimelli nos esclarece que: as leis inglesas dos séculos XVI e XVII exigiam formas de juramentos com rigorosas ameaças contra o perjúrio, tais como a “extração e queima das entranhas e o arrojamento ao mar, à distância de um cabo, lá onde o fluxo e o refluxo passam duas vezes em 24 horas”.

Benimelli cita também um manuscrito de Edimburgo, de 1696, relativo aos construtores de catedrais, que diz:

Juro por Deus e por São João, pelo esquadro e pelo compasso, submetendo-me ao juízo de todos, trabalhar a serviço de meu mestre na honorável loja, de segunda-feira de manhã até

BENIMELLI, J., CAPRILE, G., ALBERTON, V. **Maçonaria e Igreja Católica - Ontem, hoje e amanhã**. Edições Paulinas, 1983.

sábado, e de guardar as chaves, sob pena de que me seja arrancada a língua por baixo do queixo e de ser enterrado sob as ondas, onde o fluxo e o refluxo passam duas vezes em 24 horas e onde ninguém o saberá jamais.

A par das iniciações e dos trabalhos relativos às construções, desconhece-se o que mais se fazia nas reuniões das lojas operativas.

Não é possível determinar as razões porque foram permitidas as iniciações de pessoas não

diretamente ligadas ao ofício de construção nas lojas maçônicas operativas. Talvez, como acontece hoje em dia, dando-se, por exemplo, o título de bombeiro honorário a alguém que tenha prestado serviços de destaque àquela instituição, tenha sido conferido o título de “maçom honorário” aos patronos e amigos da arte de construir, que passaram a ser chamados de “maçons aceitos”. É possível também que a admissão de maçons aceitos – que em geral pertenciam à nobreza, ou eram pessoas de destaque na administração pública – atendessem a um desejo de proteção e apoio para facilitar os trâmites dos negócios da guilda. Desconhece-se também a época em que essa prática teve início.

As lojas operativas não possuíam o grau de mestre. Um dos companheiros, que adquirisse experiência suficiente, era escolhido para dirigir a loja, para ser seu mestre. Assim, o **Mestre da Loja** não era um grau, mas uma função. Também existem indicações de que os maçons aceitos, que nada tinham com a arte de construir, não precisavam passar pelo período de aprendizado, sendo admitidos diretamente como companheiros:



A referência mais antiga conhecida está no manuscrito **régius** e no Cooke, já citados, que nos informam haver a maçonaria penetrado na Inglaterra no tempo do rei Athelstan e que seu filho Edwin, interessado em geometria, filiou-se à corporação dos pedreiros, concedendo-lhes regulamentos e estatutos. Os historiadores modernos identificam Edwin como irmão de Athelstan, explicando-se a confusão das relações de parentesco que aparece no documento maçônico como oriunda do fato de Edwin ter sido o sucessor de Athelstan.

*Está claro, diz Goblet d'Aviella, que não se podia impor a esta categoria de recrutados (pessoas de alta classe) os sete anos de aprendizado comum. São, portanto, recebidos de imediato como fellows (companheiros), reservando-se aos profissionais a aplicação dos termos de aprendiz e, mesmo, de mestre. (BOUCHER, Jules. **A Simbólica Maçônica**, Pensamento, São Paulo,, 1979. p.235)*

Aos maçons aceitos era dada a oportunidade de participação nas reuniões das lojas, do convívio com o planejamento, os traçados, o simbolismo e o que mais se praticasse em loja. Sabe-se que, por volta do século XVI, a guilda de construtores operativos estava em decadência, e o número crescente de maçons aceitos começava, em algumas lojas, a superar os operativos.

Podemos imaginar o aumento da presença de maçons aceitos nas reuniões trazendo como consequência alterações gradativas nos procedimentos ou na interpretação do simbolismo, acabando por se impor, induzindo a criação de lojas independentes do ato de construir, não operativas, que com o tempo, fizeram

ressurgir das cinzas da decadente corporação operativa a nova fênix da maçonaria, chamada especulativa.

É importante nos determos um pouco para examinar os acontecimentos envolvendo a fundação da Grande Loja de Londres. Os poucos relatos da época nos dão conta da decadência experimentada pela maçonaria nesse período, com o abandono das tradições, reuniões cada vez mais raras, quando até o banquete tradicional do solstício de inverno (verão no Brasil) não era mais celebrado.



E assim, sob as influências do panorama cultural da época, no dia 24 de junho de 1717, na *Taberna do Ganso e a Grelha*, na praça da Catedral de São Paulo, em Londres, dia de São João Batista, realizou-se a

assembléia dos maçons livres e aceitos das lojas as quais costumavam se reunir na *Ganso e a Grelha*; *Coroa*; *Taberna da Macieira*; e na *Caneca de Vinho*, formando a primeira Grande Loja do mundo, numa data que passou a ser considerada como o início oficial da nova modalidade de maçonaria – a especulativa.

Anderson registrou o que se segue⁵:

*“O rei George I chegou a Londres no dia 20 de setembro de 1714. Algumas lojas de Londres, desejosas de um ativo protetor, **em face da incapacidade de Sir Christopher Wren** (pois o novo rei não era franco maçom e, além disso, não conhecia a língua do país) acharam por bem cimentar, **sob um novo e grande Mestre** o centro de união e harmonia. Com este objetivo, as lojas:*

Nº 1. No Ganso Grelhado, na praça da Catedral de São Paulo,

Nº 2. No Coroa, na Avenida Parker, perto da Avenida Drury,

Nº 3. Na Taberna da Macieira, na Charles Street, Convent Garden,

Nº 4 Na Taberna Caneca de Vinho, na, Channel – Row Westminster, reuniram-se com alguns outros antigos irmãos no dito Macieira e, tendo dado a presidência ao mais velho mestre maçom, mestre de uma loja, constituíram-se numa Grande Loja, par ínterim na devida forma. (PALOU, Jean. Op. cit., pp. 48, 49.) (grifos meus).

O texto grifado sugere **Sir Christopher Wren** como o anterior protetor da instituição, estando à época incapacitado para exercer aquelas funções. Pelas palavras do texto, comentando a decisão das Lojas unirem-se sob o comando de um novo Grande (Grão) mestre, podemos entender que Wren teria sido o Grão-Mestre anterior. Ora, este personagem, nascido em 1632, foi anatomista, matemático, professor, inventor e arquiteto urbanista.

Restauradas as atividades das lojas de Londres, “agora sob nova direção”, com novas funções e objetivos, maçons adormecidos voltaram a participar de suas lojas e novos membros foram iniciados. A partir deste período, a maçonaria experimentou um florescimento inusitado, a ponto de, em 1725, as quatro lojas originais terem se tornado 64, apenas em Londres, sem contar as lojas dos arredores e de outras cidades vizinhas.⁶

Em 29 de setembro de 1720, sob o segundo grão-mestrado de George Payne, numa assembléia realizada na Taberna Armas do Rei,

Sir Christopher Wren: Autor de inúmeras obras científicas e de numerosos inventos, participou da reconstrução de Londres após o grande incêndio de 1667, tendo sido também deputado em duas legislaturas. Em 1669 foi nomeado supervisor geral das obras reais, cargo que ocupou até a subida ao trono de George I, que o destituiu de suas funções. Considerando-se que Wren tinha 85 anos em 1717, podemos entender que sua incapacidade de continuar sendo o protetor da maçonaria poderia ter como causa a sua destituição do cargo que ocupava, sua idade, ou ambos os motivos, que poderiam estar inter-relacionados. Segundo consta, Sir Christopher Wren foi iniciado na maçonaria em 1691.

contando com a presença de 16 lojas, decidiu-se realizar a compilação das instruções da velha instituição operativa, em forma concisa e organizada, e designar o Reverendo James Anderson para esta tarefa. Em 1723, agora ocupando a função de Segundo Grande Vigilante do novo Grão-Mestre, Duque de Wharton, Anderson apresentou sua obra *As Constituições*, referência fundamental e primeiro documento oficial sobre a história da maçonaria. A nova Instituição, com o tempo, unificou todas as lojas da Inglaterra, e passando também para o continente europeu, expandiu-se dali para todo o mundo.

Bem, nesta aula ficamos por aqui, mas na próxima continuamos nossos estudos, onde discutiremos o panorama cultural e filosófico/religioso da renascença, identificando as influências desses pensamentos na simbologia influenciaram na origem da maçonaria.